

Por que você escreve?¹

Why do You Write?

Wilberth Salgueiro*

Sérgio Blank me pergunta “Por que você escreve?”, e meu primeiro impulso é responder ao poeta com os versos de outro poeta: “Escrevo. E pronto. / Escrevo porque preciso, / preciso porque estou tonto. / Ninguém tem nada com isso. / Escrevo porque amanhece, / e as estrelas lá no céu / lembram letras no papel, / quando o poema me anoitece. / A aranha tece teias. / O peixe beija e morde o que vê. / Eu escrevo apenas. / Tem que ter por quê?”. Quem escreveu esse poema foi Paulo Leminski, em *Distraídos venceremos*. Acontece que, a despeito do que dizem os versos, escrever pode ter, sim, seus porquês.

¹ SALGUEIRO, Wilberth. Por que você escreve? In: BLANK, Sérgio (Org.). *Por que você escreve?* Vitória: Estação Capixaba, 2018. p. 34-37.

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente titular da Universidade Federal do Espírito Santo com vários ensaios e artigos publicados, e escritor, autor de *Anilina* (poemas, 1987), *Digitais* (poemas, 1990), *Personecontos* (poemas, 2004), *O que é que tinha no sótão?* (narrativa para crianças, 2013), *O jogo, Micha & outros sonetos* (poemas, 2019) e *Sonetos* (poemas, 2022).

A pergunta se refere ao ato de escrever literatura (poemas, contos, romances etc.) e não ensaios, receitas, cartas ou quejandos. Daí, não sendo ficcionista de prosa, tornei-me, há tempos, um ortodoxo sonetista, do tipo que só consegue fazer versos matematicamente metrificados e com rimas quase que exclusivamente toantes. As dez sílabas dos catorze versos totalizam, portanto, 140 sílabas por soneto, que ainda tem de obedecer (para mim) a outras normas rítmicas e rítmicas. Esboçada mentalmente a ideia básica do soneto a elaborar, todo o exercício de dar forma à ideia é uma delícia rara, feito um gol de placa ou um orgasmo a dois. De certo modo, escrevo sonetos como uma espécie de desafio pessoal: conseguirei chegar (com lógica) ao fim daquilo que, desde o início, eu não sabia (bem) onde ia terminar?

Um outro possível motivo que faz com que eu tome a iniciativa de escrever é a vontade de me inserir nisso que, às vezes pomposamente, chamamos de tradição. Tendo toda uma vida dedicada a ler, ler, ler e ler, é natural e previsível que o leitor deseje se transformar em autor, e, mais, queira fazer algo que seus autores prediletos não tenham feito. Cada soneto, assim, é um aceno de reverência e rebeldia que faço a Cabral, Bandeira, Murilo, Cecília e Drummond, para ficar apenas com esse canônico quinteto modernista. Com o perdão da psicologia de botequim, é como o filho que diz ao pai: “Viu o que eu fiz?”. Escrever – já dizia Harold Bloom – é (também) um gesto parricida.

Fechando o tripé, quando escrevo, vou projetando a reação de leitores e amigos ao se depararem com aquele objeto, com aquele soneto: vão gostar, entender, se espantar, vão fingir que gostaram, entenderam e se espantaram – como será? O desejo pelo afeto do outro deve ser uma vontade de se sentir amado, mais do que compreendido ou admirado. Em meio à floresta de opções de leitura que o mundo contemporâneo nos oferta, conseguir ser lido por algumas dezenas, centenas de pessoas é um feito (mais que lírico) épico. Na luta pelo leitor, o que fazemos é “encher de vãs palavras muitas páginas / e de mais confusão as prateleiras” (Caetano), mas fazemos com gosto, com força, querendo que esse

disputado leitor arranque nossas páginas das prateleiras e veja que, ali, nem tudo é vão ou confuso.

É possível também que parte da motivação para escrever esteja ligada ao que Freud chamou de mal-estar da civilização. Explico: não podendo ter nem realizar todos os desejos e utopias que nossa fantasia e libido produzem, a escrita faz acontecer fatias desse mundo desenhado, acionando o tal “efeito de real” (Barthes), desanuviando a tensão e a angústia de querer mas não poder. O mal-estar não se cura, mas escrever pode aliviar, mesmo momentaneamente, a dor do choque entre nós e a vida em torno. Se “angústia é fala entupida”, como registrou Ana Cristina Cesar, escrevendo a gente se desentope um pouco.

Escrever é, pelo que se percebe, um gesto de vaidade. Mas não de soberba ou arrogância, que isso não combina com a delicadeza que a caneta ou o teclado pedem. É uma vaidade esquisita, pois pode resultar, e com frequência resulta, em frustração, tristeza e desamparo. Porque escrever se parece com querer colo e companhia: você fica junto ali de seus versos (muitas vezes, em meu caso, com personagens), pensando em seus autores de estima e seus hipotéticos leitores. Quando algo não vai bem, a solidão pesa, e o abismo te engole, e aí, círculo vicioso, a gana de escrever volta, e Sísifo ganha corpo, e você sente a pedra se movendo.

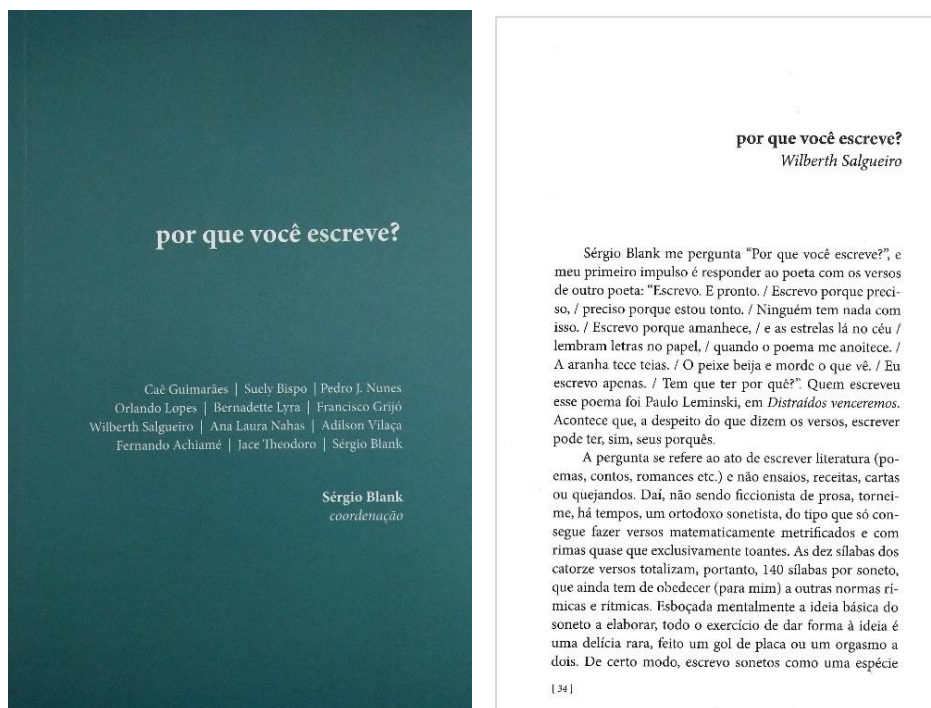
O poeta curitibano escreve que não precisa explicar por que escreve – apenas escreve. Na lógica do poema (e do peixe e da aranha), pode valer essa “razão de ser”. Outros, monumentais, dirão (ou não) que escrever é um modo de se eternizar no mundo, considerando que as pessoas passam mas as palavras ficam. Alguns, algo metafísicos, confessarão (ou não), com orgulho e citando Rilke, que escrever é como respirar: não vivem sem. E outros ainda, revolucionários, acreditarão (ou não) que escrever transforma o mundo, ajuda a gente a se desalienar.

Não tenho estas nem tantas pretensões. Escrevo porque, em síntese, é um prazer, um desafio e uma companhia. (Nem falo aqui da travessia do Suçuarão

que vai do escrever ao publicar. Carolina Maria de Jesus foi ao ponto, ao nó: “Digam ao povo brasileiro / que meu sonho era ser escritora, / mas eu não tinha dinheiro / para pagar uma editora”. Isto é assunto para outras conversas.)

Ao final de “Por que ler os clássicos?”, Italo Calvino responde, depois de catorze alternativas, que, enfim, era melhor ler do que não ler os clássicos. Não dei catorze respostas à pergunta de Blank, mas eis que me encerro: escrevo porque escrever é melhor do que não escrever.

Tem mais não.



Capa do livro *Por que você escreve?*, organizado por Sérgio Blank, e página inicial da resposta de Wilberth Salgueiro.